

O cinema brasileiro vive e ainda estamos aqui!



» ÉRIKA BAUER
Cineasta, professora da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB)

A indicação ao Oscar de *Ainda estou aqui* para melhor atriz, melhor filme e melhor filme estrangeiro repercutiu profundamente em nós brasileiros. E por que profundamente? Esse filme narra um tempo sombrio, tortuoso e ainda pouco discutido e está longe de ser debatido o suficiente para que não se repita, e sabemos que esse perigo sempre nos ronda.

No entanto, o que surpreende nesse filme é o cuidado e a beleza com que somos apresentados a essa história difícil a partir de uma mulher de dimensões universais, Eunice Paiva.

Eunice Paiva, a viúva de Rubens Paiva, deputado desaparecido durante a ditadura militar no Brasil, reflete a força de cada uma de nós mulheres brasileiras que caminhamos com o peso e a leveza de uma época que não poupou aqueles que aspiravam à liberdade e à justiça.

Somos introduzidos nesse filme por uma linguagem silenciosa, que nos leva a conviver com a família Paiva, e sabemos que a vida não vive sozinha, e é justamente aí que somos fisgados. Essa família é a família que nos acolhe, na nossa solidão digitalizada, e afeta nossa percepção.

Palavras aparentemente vazias na atualidade, como o lugar do belo e do sublime, crescem nesse filme. Fernanda Torres nos entrega uma Eunice

com a dignidade e a força de uma leoa. Entendemos aqui a importância do cinema como produção de afeto, de uma memória coletiva que não pode ser esquecida, pois nosso patrimônio é feito também das histórias que contamos e das experiências que guardamos.

A vida da família Paiva é igual a de todas as famílias na vida cotidiana, nos alegramos, nos deleitamos com as trocas de afetos e pequenos conflitos, mas, quando as ameaças surgem e o regime militar invade a rotina dessa família, que é também a nossa, um abismo se abre e a produção de potência nos atinge em cheio. Nos indignamos, sofremos e entendemos os horrores de um regime totalitário.

Contudo, a violência, apesar de todos os abusos que essa família sofre, não é o que predomina no filme. O destaque aqui é a perseverança de Eunice, o que ela faz com tudo o que acontece e atinge sua família, como luta para manter todos unidos para seguirem a vida com dignidade. Ela não desiste de buscar respostas sobre o desaparecimento de seu marido e transforma sua tragédia pessoal em luta por direitos humanos.

A indicação ao Oscar de um filme como *Ainda estou aqui* mostra como o mundo precisa também dessa lufada de ar novo para a restauração de nossa fé que não está nada inabalável. Quem assistiu ao filme não sai indiferente, pois essa pequena grande família produz em nós uma fábrica de afetos e de esperanças.

Uma sensação de que podemos fazer algo diferente do que fizeram de nós.

Ora, narração implica memória. Uma imagem do passado, que é a impressão deixada pelos acontecimentos, permanece fixada no espírito e precisa ser vista no presente para adquirir experiência suficiente para não aceitarmos os erros cometidos anteriormente, é a lição de *Ainda estou aqui*. Fernanda Torres, Walter Salles, como tantos outros, sabem disso.

Temos uma produção cinematográfica vasta, com diversidade e força vital para mostrar ao mundo que hoje se abre para o cinema brasileiro. Por trás dessas indicações ao Oscar, existe uma indústria criativa vinda de universidades e institutos com cursos de cinema, audiovisual e áreas afins abertos a públicos diversos, estimulados pela pesquisa e experimentação ampla, enriquecendo o cinema brasileiro.

O lastro que uma universidade deixa nesses estudantes, que mais adiante estarão atuando na indústria criativa e no cinema só é perceptível quando a dimensão de sua obra penetra no imaginário de alguém, propiciando novos olhares e afetos.

Hoje, felizmente, temos diferentes cinemas, diferentes formas de enxergar a realidade brasileira. E cada vez mais precisamos desses novos olhares que nascem e surgem nas universidades do Brasil a fora e que formam equipes multiprofissionais construtoras do cinema brasileiro. Isso também precisa ser lembrado, pois a chamada Sétima Arte, hoje, não pode prescindir do papel das universidades na formação de equipes criativas especializadas que, invisíveis, postam-se atrás das coxias das premiações. Sim, o cinema brasileiro vive e ainda estamos aqui!

O grande ditador



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

Donald Trump, criticado no mundo inteiro, festejado nos Estados Unidos e Israel, tem uma característica que deve ser percebida. Ele sabe gerar notícias dele próprio, frequentou a primeira página de todos os jornais do mundo, dos mais importantes até os menos votados, mas ninguém ficou sem saber o que o novo presidente dos Estados Unidos pretende fazer. E o fez de maneira original: enquanto assinava uma catadupa de decretos, respondia às perguntas dos jornalistas convidados para a inesperada entrevista coletiva no salão oval da Casa Branca. Deu vários tiros no mesmo momento: disparou recados, intimidou adversários e atendeu os jornalistas com bom humor. Desmontou a carranca anterior que o caracterizava.

Mas Trump é Trump. Não perde a oportunidade de dar uma canelada para mostrar que é o novo rei do mundo, personagem saído do cinema de Charles Chaplin, na pessoa do Grande Ditador. Ele brinca com o globo terrestre nos seus delírios de poder. O planeta sobe e desce ao sabor de seus golpes mais ou menos violentos. Ele está deslumbrado com o próprio poder. Mas derrapa, vez por outra. Ele participou da solenidade na catedral de Washington, que é ecumênica. Foi construída em homenagem aos fundadores do país livre, que não persegue religiosos, ao contrário, os acolhe.

A construção imponente, no cruzamento das avenidas Wisconsin e Massachusetts, ostenta, no seu interior discreto e limpo, bandeiras de todos os 50 estados que integram a federação dos Estados Unidos. É um símbolo da união, da democracia, da fé na construção de uma sociedade igualitária. Ali, a religião é a defesa dos princípios básicos que nortearam a formação do país. Entre eles, figura a recepção de migrantes. O pedido de clemência, paciência, com os migrantes, crianças e adultos feito pela bispa Mariann Edgar Budde teve esse sentido. É casada, tem filhos e dedicou sua vida ao trabalho em favor da paz, da tolerância e da democracia. O novo presidente subiu o tom para dizer que ela defendia comunistas. Um disparate monumental.

Passado os primeiros momentos de choque nas principais democracias do mundo, resta esperar para ver se ele conseguirá se manter atuante e desafiador nos próximos quatro anos. Segundo a legislação atual dos Estados Unidos, ele não poderá se candidatar a outro mandato presidencial. Lá, o cidadão norte-americano só pode ser presidente da República por duas vezes. Trump está na segunda. É uma tempestade de verão que vai durar quatro anos, a não ser que mude a lei, o que é possível depois que os Estados Unidos começaram a avacalhar a própria democracia. Na realidade, o novo presidente dos EUA é um empresário que fala o que o norte-americano branco pensa. Na mídia, esse personagem enxerga o resto do mundo em plano inferior.

Mas o norte-americano médio usualmente não conhece história e geografia. Não tem a menor ideia de onde fica o Brasil ou a Polônia. O presidente George Bush filho, quando foi convidado a ir a Paris, disse que ouviu dizer que "lá se come muito bem". Eles sabem que o Canadá fica ao norte e o México, ao sul. Daí para baixo, todos são latinos e não há a menor distinção entre eles. O brasileiro, por exemplo, não existe nas leis de migração nos Estados Unidos. O brasileiro, quando chega lá, precisa informar a sua procedência. Tem que escolher entre hispânico ou europeu branco, o que também é discutível. É a visão racista que eles têm do mundo. Trump, além de agasalhar esses conceitos, quer ganhar dinheiro. Só fala em taxar, taxar e taxar. Quer fazer lucros comerciais crescentes.

Ele antecipou sua decisão de perfurar para produzir mais petróleo e deixar a Venezuela a ver navios. Parar de comprar o produto do ditador Maduro. Ele vai fazer acordos com a Arábia Saudita e com Israel para conseguir uma paz razoável no Oriente Médio. Depois, olhar para a reconstrução da faixa de Gaza, que será um dos grandes negócios do mundo. O outro grande negócio é a reconstrução da Ucrânia. Há dinheiro nos bancos internacionais para financiar as obras. Os chineses, que jogam xadrez nas relações internacionais, já fincaram raízes na América Latina e na África. O Brasil, a exemplo do que Trump disse, precisa mais dos Estados Unidos do que os Estados Unidos, do Brasil.

Aqui, o presidente Lula deu início ao ano eleitoral. Declarou que 2026 já começou. E não garantiu que vá ser candidato à reeleição. Acendeu o sinal amarelo na direção do PT. Não há plano B para eventual substituição de Lula. Os estrategistas do Planalto entendem que Joe Biden demorou muito para apoiar Kamala Harris. Se tivesse feito antes, ela poderia ter vencido a eleição. O panorama político brasileiro deve mudar muito nos próximos meses. A sombra de Trump vai se projetar sobre o Planalto, e os nomes da direita e do centro-direita começarão a aparecer. O PT pode perder o favoritismo na corrida presidencial.



G O M E Z

Tereza de Benguela, Luiza Mahin e Maria Felipa estiveram aqui



» JOÃO NETTO
Redator da rede global de publicidade WMcCann e membro do Conselho de Igualdade Racial do Distrito Federal

Lembro da primeira vez que pesquisei sobre Maria Felipa, liderança na independência da Bahia. Eu havia escrito um texto sobre a importância histórica de Salvador e listei alguns nomes de personalidades. Em resposta à pesquisa no Google, surgiu uma foto associada ao seu nome. Era uma mulher negra, de lábios grossos, usando um turbante estampado, brincos de semente e um vestido com os ombros à mostra. Ela olhava para frente com uma expressão séria, como se estivesse encarando as pessoas que iriam admirar sua imagem no futuro.

Pouco tempo depois, escrevi sobre Luiza Mahin, mãe do expoente negro Luiz Gama e figura associada à Revolta dos Malês. Quando fui pesquisar pelo seu rosto, para minha surpresa, surgiu a mesma foto que afirmava ser de Maria Felipa. A mesma mulher imponente e forte, com o mesmo olhar hipnotizante.

Como se já não bastasse essa representação equivocada de dois nomes tão poderosos, ao pesquisar sobre Tereza de Benguela, uma brilhante rainha quilombola do século 18, a mesma imagem era apresentada. Nem mesmo a realidade conseguiu escapar do apagamento histórico.

O mais contraditório nesse cenário é que, por

mais que represente diferentes personalidades, a mulher da foto não tem seu nome registrado. A fotografia tirada por Alberto Henschel em 1870 é nomeada apenas como "A Mulher negra de turbante". Esse registro está presente nas nossas vidas em diferentes formatos de mídia. É utilizado em capas de livro, publicidades, artigos acadêmicos, sites de notícias e até mesmo em cursos de letramento racial. Tudo isso devido a estar associado aos nomes dessas mulheres.

Essa forma genérica de representar a população negra é uma das consequências do racismo que busca apagar nossos feitos e faces. É mais fácil ignorar a existência de alguém se não soubermos como ela é.

É muito comum encontrarmos personalidades negras, especialmente mulheres, que têm a sua existência e imagem questionada. Isso acontece, especialmente, quando elas são ligadas a momentos históricos e de grandes contribuições sociais. Tal questionamento vem da escassez e quase ausência de registros oficiais que mencionem mais claramente seus feitos.

Porém, é importante observar que, por séculos, houve uma falta de interesse e preocupação em registrar as colaborações da comunidade preta na construção do Brasil. Dessa forma, ficava ainda mais fácil implementar o projeto de marginalização e exclusão, para reforçar a ideia de que nossa presença foi invisível.

Se por um lado existem aqueles que querem nos apagar, por outro existem iniciativas que fazem um incrível trabalho de resgate e divulgação. O projeto Faces Negras Importam é um ótimo exemplo disso.

Com o apoio do Banco do Brasil, as imagens dessas mulheres icônicas foram recriadas, com base em dados acadêmicos, registros e depoimentos de uma equipe de pesquisadoras especializadas na vida de cada uma delas.

O Faces Negras Importam proporciona uma oportunidade de olhar, pela primeira vez, como teriam sido os rostos de Tereza de Benguela, Luiza Mahin e Maria Felipa, reforçando o sentimento de que nossos passos vêm de longe. Com os conhecimentos das intelectuais Aline Najara, Rejane Mira, Silviane Ramos, Eny Kleyde Vasconcelos e a direção de Ilka Cyana, o projeto se manteve afrocêntrico e colocou grandes mulheres negras do presente resgatando a identidade de importantes mulheres negras do passado.

A iniciativa reforça, em um dos seus filmes, que "uma pessoa sem rosto não pode contar a sua história", por isso, precisamos de cada vez mais ações que unam o nosso desejo de conhecer o passado, com a importância de mostrar que a presença preta na construção do Brasil não se limita apenas à escravidão. Muito pelo contrário. Fomos guerreiros, rainhas e reis, cientistas, músicos, artistas e figuras ativas na formação da nossa cultura e história.

Não à toa o continente africano é considerado o berço da humanidade por suas contribuições em todas as ciências e áreas que influenciaram o mundo moderno. Esses mesmos conhecimentos atravessaram à força os oceanos em navios negreiros e construíram países e civilizações.

Que lembremos sempre que Faces Negras Importam, porque preto não é tudo igual.